

ENTREVISTA À ARQUITETA NÍCIA BORMANN

Da Série “Mulheres Arquitetas” – Parte I: Arquitetas Nordestinas

Por

ANDRADE, HEITOR

GRUPO PROJETAR/UFRN

* Entrevista realizada em 25 de julho de 2022.

APRESENTAÇÃO

Dando continuidade à série “Mulheres Arquitetas” desta Revista (Parte 1 – Arquitetas Nordestinas), entrevistamos, em julho de 2022, a arquiteta carioca radicada no Ceará, Nícia Paes Bormann. A entrevista ocorreu à distância, por meio do Gmeet, tendo sido as perguntas enviadas anteriormente por email.

Nícia Paes Bormann (Figura 01) nasceu em 06 de dezembro de 1940 no Rio de Janeiro e é filha de mãe paranaense e pai cearense. A arquiteta e urbanista, professora e artista plástica é um nome reconhecido no Brasil e no estado do Ceará, onde viveu considerável parte de sua vida e hoje reside. Representa uma importante figura feminina atuante na Arquitetura e no Paisagismo modernos e contemporâneos brasileiros.

Graduou-se em Arquitetura, em 1964, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA/UB), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Finalizou as especializações em Paisagismo pela Universidade de São Paulo (USP, 1980) e em Arquitetura de Sistemas de Saúde pela Universidade de Brasília (UnB, 1981). Em 1987, concluiu o mestrado em Planejamento Urbano também pela UnB.

No Ceará, desde 1965, exerceu cargos na administração pública, em algumas ocasiões na Prefeitura Municipal de Fortaleza, CE – com destaque para os cargos na Diretoria do Departamento de Paisagismo da PMF (1974) e na Assessoria de projetos da Secretaria Executiva Regional III da PMF (1997) – bem como na COHAB (1965) e na Divisão de Obras da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também exerceu a docência, tendo sido uma das primeiras mulheres professoras do curso de Arquitetura desta instituição e fundadora das disciplinas de Paisagismo.

Posteriormente, lecionou na hoje Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de Brasília (FAUNB), como professora visitante (desde 1982) e adjunta (desde 1984), instituição pela qual se aposentou em 1991. Em 1999, já de volta a Fortaleza, abriu o escritório de Paisagismo Oicos Arquitetos Associados LTDA em que desenvolveu vários projetos, tendo participado de concursos e de exposições.

Figura 01:Arquiteta Nícia Bormann.



Fonte: Disponibilizada pela entrevistada (2022).

REFLETINDO SOBRE AS QUESTÕES COLOCADAS

Heitor de Andrade Silva: Antes de tudo, em nome da Revista *Projetar*, agradecemos a disposição e boa vontade para conceder esta entrevista para a *Série Mulheres Arquitetas* deste periódico. Será uma importante contribuição para a pesquisa sobre a *Arquitetura moderna e contemporânea brasileira*. Inicialmente, observamos que enquanto estudante de *Arquitetura* realizou dois estágios importantes nos escritórios do arquiteto-paisagista *Roberto Burle Marx (1962)* e no escritório dos *Irmãos MM Roberto (1963)*. Recém-formada, fez um intercâmbio na *Alemanha (1967)*. Poderia discorrer sobre essas experiências? E como elas repercutiram nas suas atuações e obras, sobretudo, nos âmbitos da *Arquitetura* e do *Paisagismo*?

Nícia Paes Bormann: O estágio no escritório de *Roberto Burle Marx* foi um feliz acaso. Não tínhamos, na época, a noção da importância dele no cenário nacional e internacional. Soubemos, eu e uma colega, que estavam contratando estagiários e lá comparecemos. Foi uma experiência única convivemos com ele e nos envolvemos em projetos da importância do *Aterro do Flamengo* e o *Parque de Caracas*. Assistíamos suas discussões com todos os profissionais envolvidos nos projetos e ele nos permitia inclusive determinar alguns traçados. Acompanhá-lo a visita ao sítio, onde nos mostrava seus viveiros e descobertas de plantas nativas para uso paisagístico, não teve preço. Na busca de novas experiências estagiei no escritório dos *MM Roberto*, já então mais focada no projeto de arquitetura.

Depois fui para a *COHAB Guanabara*. Foi um momento único, porque as *COHABs* estavam sendo instaladas (a *Guanabara* foi a primeira) e quem chefiava o escritório era *Hernandes Vasconcelos*, que havia sido o meu professor e era bastante conhecido. Nessa época, os moradores de um assentamento informal (*Favela do Pasmado*) estavam sendo relocados para *Jacarepaguá*, onde se fez a *Cidade de Deus*, e participei desse projeto. Recém-formada consegui desenvolver projetos de arquitetura de casas mínimas. E depois vimos no que deu. O fato é o que aprendemos que a *Arquitetura* não resolvia o problema.

O estágio na *Alemanha*, acompanhando a disciplina de *Desenho Básico*, ministrada pelo Professor *Maximiliano Denis* na *Technisch Hochschule de Stuttgart* (que tinha formação na *Bauhaus*), consolidou conhecimentos nas teorias da cor e da composição, indispensáveis para dar conteúdo às disciplinas de *Desenho* e *Plástica* que eu e meu marido ministrávamos nos primeiros anos da *FAU UFC*.

Além disso viajamos pela *Europa* conhecendo, *in loco*, muitos dos exemplos arquitetônicos que havíamos estudado.

Heitor de Andrade Silva: Sobre a abordagem do ensino e da aprendizagem, sobretudo, na *Arquitetura* e no *Paisagismo*, formulamos duas questões. Em 1976, foi convidada a criar a disciplina de *Paisagismo* no *CAU/UFC*, iniciativa que se concretizou em 1979, após investir no estudo e na formação técnica complementar nesse campo. Com base nessa e em outras experiências, como percebe a atuação do(a) professor(a) de projeto nas universidades públicas?

Nícia Paes Bormann: Na *UFC*, inicialmente, eu apenas ministrei disciplinas da área de *Representação Gráfica*. Depois iniciei na área de *Paisagismo*. Assumi disciplinas de projeto, quando fui para *Brasília (UNB)*. Quando cheguei lá, já me colocaram para a área de *Projeto*. Não sei porque havia essa restrição aqui (*UFC*). Uma questão a contestar (*Risos*).

Como vinha da área de projetos paisagísticos – noção que tinha desde a prática com *Roberto (Burle Marx)* de fazer a análise do terreno, da paisagem em volta, para entrar no projeto – também atuei no ensino de paisagismo na *UNB* e me aprofundei nessa área, pois precisei estudar e me qualificar para a prática da docência.

O ensino de projeto é uma questão sempre presente em todas as faculdades e cursos de arquitetura e urbanismo do Brasil. Já o era, desde o período da minha formação. Trata-se de um problema complexo, já que ao projetar é preciso envolver o conhecimento de todas as disciplinas ministradas no curso. Trazer essa

complexidade para o estudante, considerando que ele dispõe de pouco repertório na arquitetura e, em especial, na construção, nos provocou a pensar em algumas estratégias para o eixo de projeto. Quando eu estava na chefia do Departamento de Urbanismo, em Brasília, foi feita uma reformulação total da estrutura curricular do curso. Sempre aquela discussão, começa pelo mais simples e depois caminha para o mais complexo, começa no estudo e depois desenvolve? Foi montada uma ação para integrar os vários componentes dos eixos práticos e fundamentais. Creio que foi uma experiência interessante, embora não tenha podido avaliar os resultados, porque pouco depois deixei a Universidade.

A propósito, o também comum dilema da relação da teoria e prática está sempre presente nessas discussões. Percebi isso quando voltei para o Ceará e resolvi abrir o escritório em Fortaleza, uma vez que sempre estive ligada à Universidade e apenas desenvolvia pequenos projetos. Foi então que resolvi montar um escritório de Paisagismo, que não existia por aqui, já que vinha de mudança, em 1997. Foi uma fase muito prazerosa, que somam quase 20 anos de prática, visto que desde a pandemia suspendemos as atividades. O que eu achava interessante era trazer para cá os estagiários e recém-formados e eu, praticamente, ensinava na prancheta. Uma coisa que eu sempre gostei muito. E acho que formei uma porção de paisagistas. Muita gente que saiu daqui e montou o seu escritório de Paisagismo. Foi uma escolha feliz.

Heitor de Andrade Silva: *O que me chamou atenção, particularmente, ao analisar sua biografia, foi essa atenção com a prática. A realização de cursos técnicos de curta duração, ao ser designada para a disciplina de Paisagismo.*

Nícia Paes Bormann: Quando me encarregaram de implantar a disciplina no curso de arquitetura, entrei em contato com outros paisagistas e fiz alguns cursos em São Paulo. Então, deparei-me com conhecimentos novos, como as questões da geomorfologia e da paisagem em maior escala. Tanto que me dediquei à análise da paisagem em áreas de expansão urbana na dissertação (*de mestrado*) que desenvolvi. É um conhecimento fundamental ao planejamento urbano. Inclusive, já tinha trabalhado, com essa base adquirida, com planejamento de paisagem, assessorando colegas da UNB no planejamento urbano. Certa vez, ouvi uma resposta curiosa. Depois de preparar um zoneamento em função da análise de uma área, indicando onde era adequado construir, onde não devia ocupar, quais eram as restrições, a colega (Sueli Gonzales) olhou e disse: “O projeto está pronto. Já sei onde vou passar as ruas, já sei onde tem parque”. Atuar junto com os planejadores urbanos, assessorando-os nessa leitura e reconhecimento da paisagem é uma função dos arquitetos-paisagistas ainda pouco levada em consideração.

Heitor de Andrade Silva: *Em depoimentos anteriores, ressaltou que o seu entusiasmo no ensino sempre esteve associado ao seu aprendizado. Comente como vê essa relação e como, na sua visão, os docentes podem promover o entusiasmo nos discentes.*

Nícia Paes Bormann: Isso tem um pouco a ver com a minha história. Quando eu vim para o Ceará, assumi uma disciplina que se chamava Comunicação Visual 01, que abordava principalmente o desenho básico e a teoria da composição. Como o professor que ministrava essas disciplinas vinha de São Paulo (USP), a orientação era muito diferente da que eu tinha tido (mais belas artes). Foi quando eu comecei a estudar para poder dar aula, considerando os princípios da Bauhaus (princípios da Gestalt, princípios da harmonização, teorias de cores) [...]. E, como estava me preparando, a minha comunicação com os estudantes era mais tranquila, porque estávamos aprendendo juntos. Era uma experiência compartilhada de realização prática com embasamento teórico. Como a faculdade estava em crescimento e houve algumas alterações na estrutura curricular, mudei várias vezes de disciplina e a cada vez precisava aprender conteúdos novos. Comecei a perceber que quando estava ministrando pela quarta ou quinta vez o mesmo assunto, já não estava me comunicando tão bem com os discentes, como quando estava aprendendo com eles. [...] é uma questão muito interessante e tem a ver com a comunicação mesmo.

Heitor de Andrade Silva: *E como o professor poderia motivar o estudante a aprender?*

Nícia Paes Bormann: Confesso que não me considero uma professora muito boa para aulas teóricas [...]. Sempre achava que não sabia o suficiente para discutir uma questão teoricamente. Falava baixo e aparentava certa insegurança, embora ninguém tenha se queixado. O fato é que era um sofrimento entrar em sala de aula. Agora, coloque-me sentada em uma prancheta, que me desenvolvo. Acredito que o professor precisa instigar o estudante, a fim de que ele perceba que está vivenciando uma experiência nova. E, é algo que vem do entusiasmo do docente. Esse precisa estar ligado ao problema. Quando aquilo afeta mutuamente professor e alunos, todos estão especulando juntos, o resultado é bem mais positivo.

Heitor de Andrade Silva: *É o que poderíamos chamar de aprendizado significativo, não é?*

Nícia Paes Bormann: Exatamente. Eu sempre questioneei muito o estudante. Eu nunca dei o bê-a-bá. Dizia: pesquisa, vê, me responde [...]. Não dava receita pra eles. Até porque nunca tive uma (*Risos*).

Heitor de Andrade Silva: *Sobre Arquitetura e Paisagismo, com base na sua experiência, quais as convergências e distinções nos processos projetuais de espaços construídos edifícios (Arquitetura) e de espaços livres (Paisagismo)? A formação deve ser integrada ou deveria ser específica?*

Nícia Paes Bormann: São maneiras diferentes de projetar. Destacaria o programa. No Paisagismo, o desenvolvimento de um inventário inicial é fundamental. É o momento em que sentimos o terreno e averiguamos o que ele nos possibilita, o que se pode fazer nele de forma adequada. Por exemplo, se nos requisitam uma praça com uma quadra de esportes, mas a área apenas comporta a quadra, o que fazer? Em um caso como esse, a resposta é redefinir com o cliente o programa. Isso acontece menos na Arquitetura. Ou seja, nessa análise preliminar, fica a cargo dos projetistas identificar as potencialidades do lugar. É verificado se existem vistas bonitas, vegetação a ser preservada, áreas com declives acentuados etc. Informações como essas orientam como a área pode ser trabalhada de forma harmônica. O projetista pode até solucionar tecnicamente outras demandas solicitadas, mas é preferível estabelecer um novo programa.

Isso é muito diferente da Arquitetura. Claro que na Arquitetura também se discute o programa, mas não da mesma forma a ponto de se dizer: Não, essa ideia não cabe aqui. A outra peculiaridade do Paisagismo é a escala [...]. Embora também existam diferentes escalas na Arquitetura, no Paisagismo é preciso se tomar um cuidado particular ao dimensionarmos as áreas externas. Certa vez li que a escala no Paisagismo pode chegar a ser oito vezes maior do que a escala na Arquitetura. Evidente que existem diferentes escalas e complexidades do Paisagismo (macro, meso, micro). Em jardins internos, é fundamental selecionarmos algumas plantas adequadas para o lugar. Em jardins residenciais, pensamos o que se vê da janela, o que ressalta a Arquitetura. É diferente em uma paisagem ainda mais. Vazios urbanos são distribuídos e abrangem várias escalas. Assim como as paisagens macro, a exemplo de uma faixa litorânea.

Heitor de Andrade Silva: *Nesse sentido, a formação deveria ser integrada ou separada?*

Nícia Paes Bormann: Podemos pensar em níveis de aprofundamento. Por exemplo, quem se propõe a trabalhar na escala do Planejamento Urbano e da Paisagem, a abordagem é diferente de quando se trabalha na escala do edifício. Naturalmente, ao trabalhar na Arquitetura, é preciso se pensar no entorno, considerando tanto como o projeto interfere no contexto, tanto como é possível incorporar os elementos do lugar no projeto. Ou seja, são conhecimentos comuns que devem estar presentes no ensino de Arquitetura. Ou seja, a integração é importante e deveria existir, sobretudo, no início do curso; não apenas no final, como ocorre em alguns cursos. Deveriam existir componentes curriculares de introdução ao Paisagismo, junto com a introdução à Arquitetura e ao Urbanismo. Sou suspeita em dizer isso, porque atuo bastante no Paisagismo, embora também atue na Arquitetura. Uma outra característica relevante do Paisagismo é aquilo que o constrói [...]. Não se tem teto, nem parede; se tem a vegetação, a vista, a Arquitetura, como no caso de praças, em que o trabalho do piso e sua paginação é fundamental para a definição dos espaços.

Heitor de Andrade Silva: *Na sua visão, qual o papel e quais os limites do método no projeto de Arquitetura e de Paisagismo? Poderia destacar alguns métodos que adota na sua prática projetual?*

Nícia Paes Bormann: Falou com a pessoa errada (*Risos*). Tive um marido de origem germânica. Foi um excelente arquiteto, que faleceu jovem. Ele era extremamente metódico. Eu não sou. Sempre me considerei mais intuitiva. Era muito difícil a gente projetar juntos, mas quando acontecia, eu projetava e ele me questionava com a sua lista de perguntas do método que costumava adotar. Normalmente, eu respondia a todas, contudo, quando projetava, não seguia uma sequência previamente estruturada. Então, acho difícil falar sobre métodos. Na minha prática, parto sempre de uma análise cuidadosa dos problemas a fim de pensar como os resolver. Naturalmente, existiam alguns procedimentos frequentes, como os de fazer diagramas (organogramas, fluxogramas) e uma modulação básica, feita para ser quebrada.

Heitor de Andrade Silva: *Essa pergunta surgiu a partir de uma entrevista concedida em que cita uma experiência da Geologia em que adaptou um método para o Paisagismo.*

Nícia Paes Bormann: Não só a Geologia, como outras disciplinas ligadas as ciências da natureza. Houve, sim, essa experiência, que serviu muito mais a prática do planejamento. Fiz uma parceria com Rosa Kliass, em um trabalho em São Luís (Maranhão), em que aplicamos um método chamado *Design with Nature* (1969)¹, em que vamos analisando vários aspectos que compõem a paisagem, como a geomorfologia, a vegetação, os processos erosivos, os tipos de solo. A sobreposição dessas camadas revela as áreas que são mais e menos favoráveis aos vários tipos de ocupação.

Heitor de Andrade Silva: *De certo modo, essa experiência converge, como dito, com a importância do aprofundamento do programa, de onde surgem os problemas a serem resolvidos com o projeto. Essa reflexão se aproxima das questões seguintes, que abordam o projeto e o lugar. Inicialmente, qual a importância do lugar no projeto de Arquitetura e de Paisagismo?*

Nícia Paes Bormann: O lugar, na minha concepção, tem importância em razão da sua relação com a natureza e com a cultura. No que diz respeito às questões da natureza, poderíamos mencionar clima, vegetação, solo, hidrográfica etc. De igual importância é a paisagem antrópica, com suas referências culturais consolidadas.

Vou mostrar alguns projetos arquitetônicos que talvez justifiquem esse argumento. Mas, um exemplo é o nosso. Quando dois cariocas chegaram em Fortaleza (apesar de meu pai ter sido cearense, eu e meu marido nascemos no Rio de Janeiro, e vivemos muito nas regiões Sudeste e Sul do país). Logo percebemos que a Arquitetura aqui tinha que ser diferente. Era preciso captar a ventilação, promover sombra, ter cuidado com as chuvas fortes e atentar para maneira como as pessoas viviam. Quando éramos convidados para projetar uma residência, havia a sala de estar, que era cheia de cortinas, estofados etc. e a varanda. Onde é que eles viviam? Na varanda. Então, começamos a trabalhar muito isso de trazer a varanda para dentro de casa. De não admitir a sala de estar separada, mas, sim, ligada à varanda. Fomos, de certa forma, trabalhando os programas das casas, em função dessa visão procuramos atender as influências do clima e da cultura local na arquitetura.

Heitor de Andrade Silva: *Ou seja, o lugar se reflete na Arquitetura.*

Nícia Paes Bormann: Certamente. Vínhamos de uma escola (carioca) que nunca se ligou muito a modismos [...]. O Rio de Janeiro tem um repertório arquitetônico muito mais ligado às tradições e às culturas locais. Percebo que o Rio tem um pouco disso. Enquanto que (a arquitetura de) São Paulo, talvez, pelo clima mais frio, se fechou um pouco mais [...], aceitou mais a arquitetura brutalista. [...] quando chegamos, tínhamos o espírito muito aberto. Não tínhamos um conceito predefinido. Não tínhamos que fazer modernismo, porque era o que tinha que ser. [...]. Buscamos, sobretudo, produzir uma arquitetura identificada com o lugar, ainda que, evidentemente, permaneciam os princípios da arquitetura moderna. Acredito que, em alguns casos, os resultados foram positivos.

Heitor de Andrade Silva: De certo modo, a próxima questão já foi parcialmente respondida. Ia justamente perguntar “o que considera, quando intervém na paisagem do Ceará, para contribuir com o fortalecimento da identidade local?” Chamou-me atenção quando disse que tinham os conceitos do Modernismo e estavam abertos para responder ao que o lugar e a paisagem cearense demandavam. Quando ressalta a importância da varanda e relações programáticas, já está respondendo. Teria algo mais que gostaria de acrescentar a esse respeito?

Nícia Paes Bormann: É verdade. Acredito que os primeiros projetos que fiz, quando recém-formada [...]. Eu tenho uma residência (projetada em 1968, salvo engano), que era mais aberta, tinha um pátio interno. Já os projetos da faculdade eram mais fechados, em razão do próprio programa.

Heitor de Andrade Silva: Entre os vários e importantes projetos desenvolvidos ao longo de sua trajetória, poderia elencar cinco mais representativos das diferentes fases de sua vida profissional, que evidenciam os princípios norteadores de sua Arquitetura? Quais seriam e por que?

Nícia Paes Bormann: O projeto do Centro Acadêmico da Faculdade de Artes e Arquitetura da Universidade Federal do Ceará (FAA UFC, 1966 - Figura 02) foi um dos primeiros projetos que desenvolvi. Na época, usavam-se muito telhas de fibrocimento (com amianto, depois foram proibidas). Buscava-se uma estrutura simples, em razão das restrições orçamentárias.

Usamos os elementos da época como os cobogós e criamos uma cobertura ventilada. A laje era volterrana, mas em cima corria a ventilação. O próximo projeto refere-se ao Pavilhão do Ateliê da FAA UFC (1966, Figura 03). A Faculdade estava começando a se instalar e existia um galpão em estrutura metálica que deveria ser aproveitado. Desenvolvi este projeto, adotando o princípio do sistema estrutural independente. A estrutura metálica e a cobertura com telhas de fibrocimento foram preservadas. Por fora, criamos alguns fechamentos com alvenarias e muitas janelas e venezianas para favorecer a ventilação. Hoje, teria adotado venezianas articuladas, a fim de facilitar ainda mais a passagem dos ventos. Tratava-se de um grande galpão sem divisões internas, em que no térreo funcionava o ateliê e no centro foi criado um mezanino que funcionava como sala de professores, restando um pé-direito duplo nas duas laterais.

Figura 02 - Projeto Centro Acadêmico FAA UFC, 1966.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 03 – Pavilhão do Ateliê da FAA UFC, 1966.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

O projeto do jardim da biblioteca da FAA da UFC (Figuras 04 e 05) foi o meu primeiro projeto de Paisagismo. Foram criados esses volumes para que os alunos usassem à vontade. Existia alguma forração, pouca vegetação. As pérgolas deveriam promover alguma sombra e os cobogós alguma transparência. Na época achava muito bonito. Melhor dizendo, acho até hoje. [...]. Funcionou bem até que o pessoal começou a roubar os livros pelos elementos vazados (*Risos*).

Figura 04 – Jardim da Biblioteca da FAA UFC, 1966.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 05 – Jardim da Biblioteca da FAA UFC, 1966.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

[...]. O próximo projeto foi desenvolvido em uma cidadezinha, aqui perto (de Fortaleza), que se chama Aquiraz – a primeira capital do Ceará [...]. Trata-se de uma casa de praia construída em 1972. Até hoje ela existe. Ficava em um terreno muito inclinado, com uma diferença de 6 metros (Figuras 06 e 07). [...].

Figura 06 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 07 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Todo sistema estrutura da cobertura foi feito em carnaúba - naquela época, em 1972, se usava mais essa madeira (Figuras 08 e 09).

Figura 08 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 09 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

A casa tinha uma característica muito própria (do ponto de vista cultural), já que os proprietários eram os meus pais (como dito, sendo o meu pai cearense e a minha mãe paranaense). Então, ele valorizava a varanda e ela queria um lugar fechado. Então, fizemos um lugar fechado com grandes janelas corrediças em treliça de madeira. Quando as esquadrias estavam abertas o espaço assumia a sua função de varanda (Figuras 10 e 11). A única forma de descer para os quartos é por um acesso externo (Figura 07). Então, em uma das fachadas (Figura 06) se pode ver que existia a varanda com as esquadrias treliçadas (de onde se avista uma paisagem de coqueiros e o mar) e embaixo os quartos avarandados da meninada em frente para a piscina. [...]. Ou seja, era uma casa em dois pavimentos, com circulação vertical externa. [...]. Uma outra característica, que é válido destacar, refere-se as passagens de ar: jardins internos e elementos vazados, que favorecem a ventilação.

Figura 10 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 11 – Casa de praia em Aquiraz, 1972.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

[...]. Neste próximo projeto, entra a questão da mulher! Eu era chamada para fazer casa de praia e casa de fazenda [comenta com descontração]. Esta casa foi construída em uma fazenda, no alto da serra da Micaela, município de Iracema, Ceará, próxima à fronteira com o Rio Grande do Norte. É uma região de clima seco, quente durante o dia e frio a noite, em função da altitude. O princípio da casa é o de

acomodação à topografia. Um telhado de quatro águas, que cobre uma construção que vai descendo a encosta. A fachada frontal (Figuras 12 e 13), era voltada para o poente, a pequena varanda no centro é voltada para o açude à sua frente.

Figura 12 – Casa de fazenda, 1974, Salvaterra, município de Iracema, CE.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Heitor de Andrade Silva: De certo modo, essa atenção à paisagem é um reflexo da sua atuação na Arquitetura e no Paisagismo.

Nícia Paes Bormann: Sim, adota-se em projetos de paisagismo o termo paisagem capturada. Fazemos isso na arquitetura também. Abrimos janelas para onde se pode ver algo.

A estrutura da sala (Figura 14) é inspirada nas construções tradicionais em carnaúba, mas introduzimos peças de canto, de modo a, com o auxílio de pontaletes, reforçar as peças que apoiam o telhado.

Figura 13 – Casa de fazenda, 1974, Salvaterra, município de Iracema, CE.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 14 – Casa de fazenda, 1974, Salvaterra, município de Iracema, CE.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

O próximo projeto é de um edifício residencial multifamiliar em Fortaleza (Figura 15), recentemente, demolido, salvo engano, no ano passado (2021), durante a pandemia. Foi projetado em parceria com um colega². Foi adotada a ideia dos meio lances de escadas, que dão acesso a pavimentos intermediários. As esquadrias são com venezianas articuladas amplamente utilizadas, aqui, no Ceará e que nós achamos lindo e muito inteligente. Conseguimos implementar um sistema maxim-ar, em que as folhas abriam 180° e ficavam completamente na horizontal, permitindo a visão da área externa. [...].

Figura 15 – Edifício Benício Diógenes, 1974, Fortaleza, CE.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

A Praça Marco do Parque da Cidade, em Sobral/CE (2002) foi o primeiro projeto de paisagismo que assumi aqui no Ceará³. Corria um riacho pela área de intervenção, que era poluído e, na época, não se tinha como despoluir, mas soube que recentemente isto está acontecendo. Criamos uma passagem do riacho pelo parque (Figura 16). Fizemos o projeto de Paisagismo para uma área pública de aproximadamente 10.000m². Levou alguns anos para ser construído e, na execução, não foi respeitado o memorial botânico e alguns outros detalhes do projeto. Foi implementada pouquíssima vegetação e muitas não estavam especificadas no projeto. Infelizmente, isso acontece muito em projetos desenvolvidos para instituições públicas. Detalhamos o mobiliário urbano, a paginação (Figuras 17, 18 e 19).

Figura 16 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, CE, 2002.

Figura 17 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, CE, 2002.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 18 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, 2002.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 19 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, 2002.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

O Prefeito solicitou uma fonte que fosse representativa. Desenvolvemos uma em chapa de aço, mas não consegui fazer. Se eu fosse Amilcar de Castro, talvez conseguisse, mas, como não sou, ela ficou em concreto (*Risos*) (Figuras 20 e 21).

Figura 20 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, CE, 2002.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 21 – Praça Marco do Parque da Cidade, Sobral, CE 2002.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Heitor de Andrade Silva: *Esse é um exemplo que ressalta mais uma peculiaridade do projeto paisagístico, não é? Sobretudo, quando se trata de uma escala de espaço livre (parque urbano) e é executado por administrações públicas, o tempo de execução é, muitas vezes, ampliado e isso dificulta o acompanhamento dos projetistas.*

Nícia Paes Bormann: Exatamente. É complexo prestar serviço às instituições públicas. Contudo, o projeto no espaço público é instigante. Nesse caso, a intenção era que a fonte assumisse um sentido escultural. A

propósito, resgatando um comentário sobre o aprendizado, quando comecei a projetar no paisagismo, voltava-me muito para a teoria. Fiquei, até a aposentadoria na UNB, reportando-me eminentemente à teoria para ensinar Paisagismo. Quando me aposentei, fui convidada para ser “estagiária” em um viveiro e eu aceitei, justamente, porque vi uma oportunidade para aprender como é que se plantava⁴. E, nesse tempo, também, trabalhava muito com arte. Então, senti, quando desenvolvi os primeiros projetos de paisagismo, que estava fazendo um trabalho artístico.

A Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza (2011) (Figura 22), é um projeto mais recente. Trata-se de uma grande área livre sobre a laje que cobre o estacionamento. Havia uma profundidade de aproximadamente 50cm, que permitiu que plantássemos algumas pequenas árvores (ainda não desenvolvidas). Porque o desenho adotado em planta (Figura 23), achávamos que o espaço ia ser visto de cima, já que o edifício, anexo da Assembleia Legislativa, tem aproximadamente oito pavimentos (Figura 24).

Figura 22 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, CE, 2011.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 23 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, CE, 2011



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

É interessante ver como os elementos que fazem parte do Paisagismo, como o desenho do mobiliário, são utilizados para definir os espaços, como aqui, no caso, no acesso principal (Figura 25) demarcado por um banco.

Figura 24 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, 2011.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 25 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, 2011.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

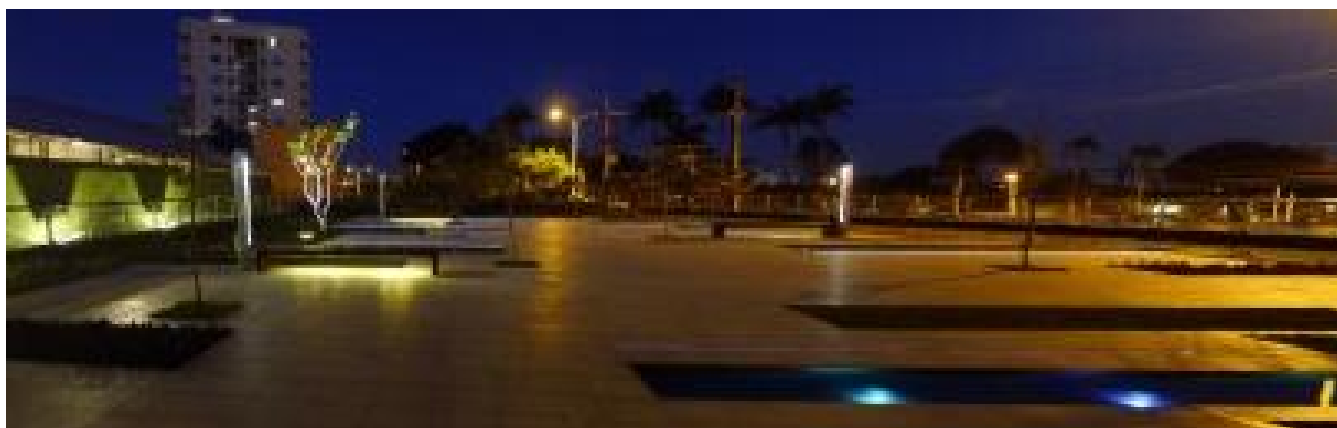
A área externa (Figuras 26 e 27) revela a importância da paginação, como parte do projeto paisagístico. Nesse caso, não existe desenho no piso, porque o desenho consiste na relação das áreas pavimentadas e vegetadas, bem como os espelhos d'água. Tivemos o cuidado de calcular cada espaço para evitar as quebras nas peças que pavimentam as áreas transitáveis. Ou seja, toda modulação foi feita a partir do piso.

Figura 26 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, 2011.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

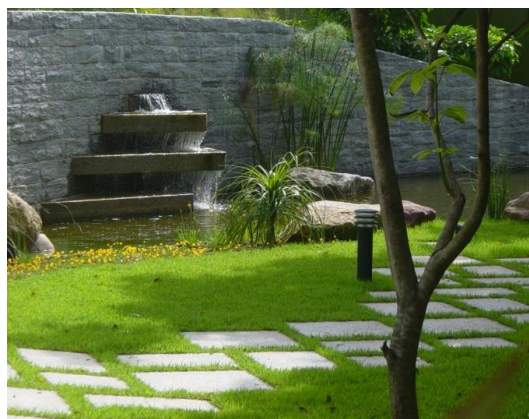
Figura 27 – Assembleia Legislativa do Ceará, Fortaleza, 2011.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Neste jardim residencial em Fortaleza (2000), tinha uma casa muito grande e imponente situada em uma parte superior do terreno integrada a uma grande área livre muito arborizado, um verdadeiro bosque. Então, criei uma parede para demarcar alguns limites e promover um movimento no espaço (Figura 28).

Figura 28 – Jardim residencial em Fortaleza, 2000.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

A Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE (2006-2010), foi o único projeto de porte de Arquitetura que eu fiz (Figura 29) (*Risos*). Mais uma vez, tratava-se de um terreno com diferenças de nível que alcançava os 10 metros. O edifício e as áreas livres foram acomodados no terreno. O projeto contempla vários pavilhões em estrutura metálica, mas, inicialmente, foi executado apenas um (Figura 30). Os demais foram construídos depois em concreto. Optei pela estrutura metálica em razão da rapidez e da leveza. Fui auxiliada por um excelente calculista (o engenheiro Calixto), que propôs a solução mais econômica possível dentro do material, vindo pronto de Teresina, PI.

Figura 29 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 30 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Uma particularidade muito positiva deste trabalho foi a possibilidade de desenvolver os projetos de Arquitetura e de Paisagismo de forma integrada. Houve um grande respeito ao lugar, sobretudo, ao relevo (Figuras 31, 32, 33 e 34). Foram criados vários níveis intermediários demarcados por arrimos e taludes e interligados por escadas e rampas, o que proporcionaram diferentes visuais e movimentos aos espaços. Mais uma vez, o piso foi usado para definir os espaços. [...].

É válido destacar a preocupação com a integração do edifício ao clima do lugar. Ao invés de um corredor central, adotei a circulação na periferia, criando-se um avarandado em todo edifício, que, associado aos brises em aço corten, favoreceu o sombreamento das superfícies verticais e a ventilação cruzada (Figura 32). Também gosto, sempre que possível, de trabalhar com as cores para destacar elementos e volumes.

Figura 31 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 32 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 33 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 34 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, 2006-2010.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Tiramos partido do sistema estrutural, expondo-o, sempre que possível. A biblioteca, que está instalada em alguns níveis abaixo da grande área livre, é um exemplo disto (Figuras 35 e 36).

Figura 35 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE (2006-2010).



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Figura 36 – Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE (2006-2010).



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

O último projeto que apresentamos é o de minha casa no Alphaville Fortaleza, CE (2022), em fase final de construção. Trata-se de uma unidade unifamiliar em terreno pequeno e em um pavimento. Para obter as visuais a mim tão caras, criei circulações, grandes aberturas e pequenos pátios livres integrados aos ambientes internos (Figuras 37, 38 e 39).

Figura 37 – Residência da arquiteta e professora Nícia Bormann, Alphaville Fortaleza, CE, 2022.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Alguns exemplos dessa associação dos espaços cobertos e livres podem ser observados nas imagens (Figuras 38 e 39). Trata-se de uma estratégia, também, muito pertinente ao clima do lugar, pois favorece bastante a ventilação cruzada em vários ambientes do edifício. O projeto tem sido chamado de casa-atelier, porque criei um espaço para a prática de várias atividades artísticas. O resultado foi bastante satisfatório no sentido de conseguirmos uma casa arejada, com privacidade e boa relação com a natureza.

Figura 38 – Residência da arquiteta e professora Nícia Bormann, Alphaville Fortaleza, CE, 2022.

Figura 39 – Residência da arquiteta e professora Nícia Bormann, Alphaville Fortaleza, CE, 2022.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.



Fonte: Nícia Bormann, 2022.

Heitor de Andrade Silva: Excelente, Nícia! Os projetos apresentados ilustram muito bem a sua atuação profissional. Para concluirmos a entrevista, apresento uma última questão relacionada a abordagem da série “Mulheres Arquitetas” da Revista *Projetar*, que, de certo modo, também, já foi respondida quando disse que só é convidada para fazer casa de praia e de fazenda. Seria muito bom saber, com base na sua experiência profissional, foi ou ainda tem sido difícil ser Mulher Arquiteta? Como vivenciou(a) essa questão de gênero na profissão?

Nícia Paes Bormann: Sou de uma geração em que a regra era a mulher, sobretudo de classe média, não se preocupar em ter uma carreira. Não foi diferente comigo. Precisava cuidar dos filhos, enquanto o marido podia assumir os projetos e se dedicar principalmente ao trabalho. No nosso caso, o homem projetava e a mulher precisava se dividir entre os compromissos profissionais e domésticos. Eu exercia a profissão, porque gostava muito, mas, nessa época, não me levavam muito a sério (Risos!). Acredito que isso aconteceu com muitas mulheres da minha geração. Em Brasília, senti um pouco menos essa questão. Naturalmente, em algumas ocasiões, sentia o preconceito. Sobretudo na sociedade brasileira, trata-se de um problema cultural. De certo modo, a atuação competente das mulheres no meio profissional é uma forma de ir transformando essa realidade. Nunca me acovardei. Sempre requisitei um lugar. Se temos condições de fazer a diferença como protagonistas, não participamos de forma secundária. Isso acontecia muito. Então, vamos nos colocando de forma sutil e firme.

Heitor de Andrade Silva: *Muitíssimo obrigado pela entrevista!*

NOTAS

¹ Ian McHarg foi um arquiteto paisagista escocês e escritor sobre processos do planejamento regional usando sistemas naturais.

² Segundo Martins (2019, p.109), Nearco Araújo foi um colega com quem a arquiteta desenvolveu muitos trabalhos, dentre os quais o Edifício Benício Diógenes.

³ Como dito, depois de aposentada, em 1992, e após a abertura do Escritório de Paisagismo Oicos Arquitetos (1999).

⁴ Experiência prática no Viveiro Pau Brasília (1993).

*** NOTA DO EDITOR:** As imagens constantes neste texto foram disponibilizadas pela entrevistada e são de sua responsabilidade, tendo sido esta Revista autorizada a publicá-las.